

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE LETRAMENTO LITERÁRIO E FORMAÇÃO LEITORA DE SURDOS

Izaías Serafim de Lima Neto¹
Will Wanderkelly de Freitas Ribeiro²
José Marcos Rosendo de Souza³

RESUMO

Diante do atual cenário educacional, no qual temos a presença de alunos surdos nos processos formativos de escolarização, isso em decorrência das políticas públicas inclusivas, o presente trabalho tem por objeto discutir sobre a formação leitora de Surdos, sob a ótica do letramento literário. Pensamos nisso, pois a literatura é vista como ponte entre o real e o imaginário, o que colabora para formação do indivíduo. Para alcançar esse objetivo realizamos uma pesquisa bibliográfica, a qual nos permitiu inferir que o processo de formação leitora de Surdos torna-se mais consistente e produtivo quando feito com o letramento literário e a Língua de Sinais. Esperamos que esse ensaio possa contribuir para os estudos nessas áreas.

Palavras-chave: Letramento Literário. Formação Leitora. Surdos.

BRIEF CONSIDERATION ON LITERARY LITERACY AND TRAINING READER OF DEAF

ABSTRACT

Faced with the current educational scenario, in which we have the presence of deaf pupils in the formation processes of schooling, this due to inclusive public policies, the present work has to discuss the reader's training of deaf, under the optics of literary literacy. We think of it, because literature is seen as a bridge between the real and the imaginary, which collaborates for the formation of the individual. To achieve this goal we do a bibliographical research, which allowed us to infer that the process of readership of the deaf becomes more consistent and productive when done with literary literacy and the language of signals. We hope that this work can contribute to the studies in these areas.

Keywords: Literary literacy. Training reader. Deaf.

¹ Aluno de Graduação em Letras pela UEPB, bolsista CAPES pelo PIBID Língua Portuguesa do campus IV, UEPB, Catolé do Rocha-PB.

² Aluno do curso de Mestrado em Letras, do PPGL/UERN/CAMEAM.

³ Aluno do Curso de Doutorado em Letras, do PPGL/UERN/CAMEAM; professor efetivo na UECE/FAFIDAM.

A literatura existente não revela com precisão desde quando os Sujeitos-Surdos estão em sociedade, mas é sabido que os primeiros relatos de sua aparição constam desde a Antiguidade Grega e até o presente momento. No que se refere a sua aceitação, a sociedade já passou por inúmeras transformações, mas mesmo que socialmente, em alguns casos, eles ainda são vistos como deficientes ou incapazes de aprender.

Em termos de transformações sociais, não podemos negar que paralelas à essas a Educação foi alterada consideravelmente no sentido de constituição e criação de Políticas Educacionais Inclusivas, que tendem, principalmente, dirimir as barreiras alicerçadas pelos rótulos da deficiência e do preconceito, ao buscar à aceitação das peculiaridades desses Sujeitos, que fazem referência, sobretudo, a aprendizagem.

O fato é que essas políticas ainda não alcançaram grandes potencialidades em sua totalidade, o que torna a aprendizagem destes Sujeitos-Surdos um reflexo de um processo inclusivo falho. Referimo-nos às falhas porque são poucos os que ingressam no processo de escolarização e menores ainda o número daqueles que conseguem concluir esse processo e apresente amplo desenvolvimento das competências da Leitura e Produção de textos e/ou da Leitura e apreciação de obras literárias.

Em relação à essas competências, pertinentes à formação escolar de todos os indivíduos, independente das suas peculiaridades, é conveniente ressaltar que as mesmas ainda partem de modelos pautados na decodificação, mesmo que novas perspectivas tenham sido consolidadas, por exemplo, com a criação Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Se aqueles modelos não contribuem de forma significativa para Formação Leitora de indivíduos considerados “normais”, acreditamos que para Sujeitos-Surdos não há contribuição.

Aquelas competências e objeto da aprendizagem aparecem no cenário da educação de Surdos como artefatos cenográficos que passam por esses Sujeitos de forma estática, no caso da Leitura e Produção Textual, e inexistente quando trazemos a apreciação de obras literárias para o contexto de aprendizagem de Surdos. Isso ocorre em decorrência da ausência de práticas, modelos e metodologias que privilegiam o universo visual, no qual os Sujeitos-Surdos estão inseridos, ocasionando em resultados negativos na aprendizagem, ou o abandono da escolarização por esses indivíduos.

Abandonando os modelos de aprendizagem já existentes, é necessário buscar novas possibilidades para trazer de volta e incluir esses indivíduos no processo de aprendizagem. Para tanto, enxergamos no Letramento Literário (COSSON, 2014) e também no Letramento Multissemiótico (ROJO, 2009) possibilidades para trabalharmos a

Formação Leitora, isto é, o objeto da aprendizagem passa a ser a Literatura, sem nos restringirmos somente à leitura enquanto decodificação do código linguístico e tampouco da produção de textos nos moldes da escrita.

Essas peculiaridades do processo de escolarização nos inquietaram e a partir delas pensamos em discutir sobre a formação leitora de Surdos enquanto objeto do processo formativo de Surdos, ou seja, objetivamos com esse breve trabalho discutir esse processo formativo. Para realização desse ensaio, partimos das inferências apresentadas no livro “Entre palavras e sinais: letramento literário, surdez e inclusão” (SOUZA, 2015) que reuniu as discussões, as problemáticas e reflexões acerca do Letramento Literário de um aluno Surdo incluído no 5º ano de uma escola pública na cidade de Pau dos Ferros/RN, que apresentou um Sujeito-Surdo da modalidade inicial do Ensino Fundamental.

A partir disso, refletimos sobre como possibilitar, hipoteticamente, que alunos Surdos possam ser incluídos no processo de ensino e aprendizagem, principalmente ao que se refere a formação de leitores tendo como perspectiva o letramento literário. Acreditamos que esse tipo de pesquisa possa contribuir para que docentes se apropriem dessas abordagens e fundamentem suas aulas e até mesmo criar novas estratégias de formação de leitores Surdos. Assim, a relevância desse estudo está em poder contribuir diretamente para a formação de leitores Surdos.

Para fins de organização metodológica, foi necessário a reunião da base teórica que possibilitou conhecermos de modo mais aprofundado a temática, tendo em vista que reunimos um arcabouço teórico que possibilitou leituras e reflexão crítica para responder nossa questão principal, que é: Como o letramento literário pode contribuir para formação leitora de Surdos? Essas leituras de obras e trabalhos referentes à nossa temática possibilitaram, segundo Marques (2006, p. 100) “[...] convocar uma específica comunidade de argumentação em que se efetive o unitário processo de interlocução e certificação social de saberes postos à discussão em cada tópico a ser desenvolvido”. Assim, mesmo sendo um estudo bibliográfico, acreditamos que nossas inferências poderão contribuir para reflexão do processo formativo de leitores Surdos.

Desse modo, iniciamos nossas discussões acerca do processo formativo de Surdos, ao que se refere a leitura, a partir da seguinte inferência: A principal questão que permeia o processo de Formação de Leitores, principalmente, de literatura reside nos modelos que são aplicados à escolarização, que deveriam ser apoiados em metodologias que a facilitem, propiciando o desenvolvimento do indivíduo nos diversos níveis da interação humana.

No entanto, ainda vivenciamos o Ensino da competência leitora pautado em moldes prescritivos, nos remetendo ao ensino tradicional da Língua, o qual a considera um objeto estático, imutável, mesmo sendo utilizada em esferas comunicativas diversificadas. O que, de acordo com Travaglia (2006), limita a aprendizagem à prescrição gramatical. E ao ser inserido na formação de leitores, são expostas algumas limitações, como por exemplo, a atividade de leitura que restringe o indivíduo a reproduzir informações que estão na superfície do texto.

A esse respeito, Koch e Elias (2012, p. 10), afirmam que a leitura:

[...] é uma atividade que exige do leitor o foco no texto, em sua linearidade, uma vez que “tudo está dito no dito” [...] nesta concepção, cabe-lhe o reconhecimento do sentido das palavras e estruturas do texto. [E aqui] o leitor é caracterizado por realizar uma atividade de reconhecimento, de reprodução.

Com isso, podemos inferir que a reprodução do texto não contribui significativamente para que o leitor se aproprie e vivencie a obra literária, em suas múltiplas significações. Por isso, respaldamo-nos em Smith (1989) por abordar a formação de leitores que se distancie desse tipo de patamar, pois o significado não é encontrado na estrutura textual, pelo contrário, esse paira nas visões que o leitor constrói acerca da sua realidade. E ainda podemos evidenciar que que “O significado está além dos meros sons ou sinais impressos da linguagem, e não pode ser derivado da estrutura aparente por qualquer processo mecânico e simples.” (SMITH, 1989, p. 43).

A formação leitora deve possibilitar que o indivíduo reflita e não copie, e, sendo assim, é preciso entender que ler distancia-se da decodificação do signo linguístico, é um ato pelo qual o leitor pode extrapolar a significação impressa a esses signos. De acordo com Koch e Elias (2012, p. 11):

A leitura é uma atividade na qual se leva em conta as experiências e os conhecimentos do leitor; A leitura de um texto exige do leitor bem mais que o conhecimento do código linguístico, uma vez que o **texto** (grifo das autoras) não é simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado por um receptor passivo.

Para que essa perspectiva de ensino seja alcançada, é imprescindível levar em consideração práticas metodológicas que levem o aluno a alcançar os significados expressos nas mais variadas formas textuais, além dos implícitos no contexto intra e extra textuais. Além de requerer a percepção que esse indivíduo está inserido em contextos que favorecem a construção de inúmeros significados, sobretudo, da visão de mundo, a qual

não pode ser unilateralizada. Mas, isso não é novidade, pois os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), de 1998, preconizaram as atividades referentes a Formação Leitora segundo o viés da produção de sentidos.

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. (BRASIL, 1998, p. 69-70).

Acreditamos que o meio mais eficiente para assegurar essa concepção seja através do letramento, por admitir a apropriação da língua enquanto instrumento social de interação, pois cremos ser impossível oportunizar a formação do indivíduo através de um método que cristaliza as significações do texto, tendo em vista que essa muda cotidianamente.

Então, o letramento surge como possibilidade de incluir socialmente os indivíduos que estão às margens do processo de escolarização por não partilharem do mesmo código linguístico, ou aqueles que abandonaram esse processo. É conveniente pensar nessa prática como modelo para efetivar a inclusão social, pois, de acordo Rojo (2009) é imprescindível que se transgrida aquela concepção de letramento pautado no uso e domínio da leitura e escrita, já que por não dominar o sistema escrito alguns indivíduos estariam fora desse processo, como por exemplo, os Surdos que não dominam o código escrito.

Rojo (2009, p. 107) afirma que é preciso que a educação linguística leve em conta:

[...] os letramento multissemióticos exigidos pelos textos contemporâneos, ampliando a noção de letramentos para o campo da imagem, da música, das outras semioses que não somente a escrita. O conhecimento e as capacidades relativas a outros meios semióticos estão ficando cada vez mais necessários no uso da linguagem [...] têm transformado o letramento tradicional em um tipo de letramento insuficiente [...].

É notório salientarmos que essas práticas de letramentos devem se distanciar tanto dos modelos da tradicional alfabetização, quanto daqueles que privilegiam o domínio da escrita. A modalidade de letramento proposta por Rojo (2009) leva em conta as particularidades linguísticas das minorias Surdas, pois de acordo com Botelho (2010, p. 65) “No caso dos surdos, os processos de escolarização não estão voltados para a construção de sujeitos letrados.”

Distanciando-nos disso, a perspectiva de letramento multissemiótico dá conta de letrar e incluir os Surdos no processo de formação leitora, por fazer uso da Língua de Sinais, e por ser um código linguístico visuo-espacial, pode ser enquadrada na modalidade semiótica. Ressaltamos que não é desnecessário a aprendizagem da escrita pelos Surdos, mas cremos que ao partir dessa modalidade linguística facilitará a entrada deles no universo da escrita. Segundo Lodi *et al* (2013, p. 36):

A consideração do que é ser letrado não pode ser reduzida, então, à aprendizagem da escrita como código de representação da fala, impondo uma dicotomização entre oralidade e escrita, prática que prevalece nas instituições de ensino e que pressupõe a existência de apenas um tipo de letramento; aquele restrito ao uso da escrita ao âmbito escolar.

Diante da possibilidade de letramentos múltiplos, é conveniente trazermos como principal alternativa o Letramento Literário. Poderíamos escolher outras formas, no entanto, o priorizamos por seu objeto também ser minoria nos contextos sociais, sobretudo, no escolar. Letrar literariamente, para nós, apresenta-se como uma possibilidade de perceber a obra literária como universo multissemiótico e agregada a Língua de Sinais se transfigura não mais em um sistema de signos escritos, mas também, visuais.

Trazendo a literatura para formação leitora estaríamos possibilitando o desenvolvimento de um leitor capacitado para fazer uso de sua língua nas mais variadas situações interativas. Não apenas isso, conforme acrescenta Colomer (2007, p. 31), ao afirmar que o texto literário:

[...] oferece ao aluno a ocasião de enfrentar a diversidade *social e cultural* (grifos da autora), no momento em que têm início as grandes filosóficas propostas ao longo do tempo. [E] no campo da literatura dirigida às crianças e adolescentes e que a educação literária dos alunos deve incluir, se se deseja formar cidadãos preparados para entender a época atual.

A alternativa de formação leitora ancorada à literatura deve partir do texto, no entanto, não é justificável sua utilização como pretexto para se ensinar gramática, ou qualquer outra atividade metalinguística. Diferentemente disso, pensar na literatura como norte da formação leitora é perceber nela,

O corpo linguagem, o corpo palavra, o corpo escrita encontra na literatura seu mais perfeitos exercício. [...] A prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escritura, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana. (COSSON, 2014, p. 16)

Enxergar no Letramento Literário as possibilidades de formar literariamente todo e qualquer indivíduo, independentemente das suas peculiaridades físicas e cognitivas, é perceber a literatura não só como objeto de um processo, mas, sobretudo, como parte da formação humana. Isso porque de acordo com Cosson (2014, p. 17) “[...] a literatura tem o poder de se metamorfosear em todas as formas discursivas. Ela também tem muitos artifícios e guarda em si o presente, o passado e o futuro da palavra.” E ainda segundo o estudioso “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas”.

Convém ressaltar que as práticas de leituras dentro desse processo de formação, não se limitam unicamente a decodificação de obras literárias, claro que esse é o passo inicial, mas a partir disso é que o leitor poderá trilhar caminhos que o leve a sua autoformação, e adentre o universo da escrita, pois a experiência literária exige que o indivíduo se reelabore.

Diante dessa asserção, apreendemos que os aspectos composicionais do processo de letramento literário se assemelham com os do letramento enquanto prática social, seguindo a perspectiva da interação leitor/obra/autor, isto é, o processo o qual estamos conceituando também parte do princípio dialógico, sendo esse particularizado pela obra literária, tendo em vista que essa traz a reverberação de outros discursos, de outros contextos, e principalmente de outros leitores.

Reconhecer que esse tipo de prática permite não só o letramento pautado em modelos de domínio da leitura e da escrita, mas, sobretudo, o poder humanizador, para tanto, de acordo com Cosson (2014, p. 23)

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser defendida não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, [...], mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização.

O Letramento Literário torna-se via para a humanização de todo e qualquer indivíduo, como salientamos anteriormente. Afirmamos isso, também, por acreditarmos que os atuais processos de formação leitora privam aqueles indivíduos excluídos dessa formação, e pensamos na possibilidade do letramento literário por acreditarmos que: de acordo com Candido (2011, p. 81) “[...], por via oral ou visual; sob formas curtas e elementares, ou sob complexas formas extensas, a necessidade de [fantasia] se manifesta a

cada instante; aliás ninguém pode passar um dia sem consumi-la [...]”. E desse modo, não poderíamos deixar de direcioná-la, também, ao indivíduo Surdo. Todavia, de acordo com Botelho (2010) inserir um surdo no universo do letramento literário, é enxergar nela, um oásis em meio a um árido deserto de chances para o surdo, e construir novas possibilidades para que, de fato, esses indivíduos sejam incluídos no processo de ensino e aprendizagem.

Percebemos que um processo formativo que prime pelo desenvolvimento da Formação Leitora de Surdos apenas será alcançado quando se fizer uso do letramento literário, tendo em vista que esse permite ao indivíduo acessar a língua que permeia a literatura. Diante disso, é evidente que se forem postas em prática metodologias que se guiam por esse viés aqueles indivíduos continuaram às margens da aprendizagem, refletindo novamente a história de muitos Surdos.

REFERÊNCIAS

- BOTELHO, P. **Linguagem e letramento na educação dos surdos**: ideologias e práticas pedagógicas. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental. Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2014.
- COLOMER, T. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L. Letramento e surdez: um olhar sobre as particularidades dentro do contexto educacional. In: LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L.; TESKE, O. (org.) **Letramento e minorias**. 6 ed. Porto Alegre: Mediação, 2013. p. 35-46.
- MARQUES, M. O. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. 5. ed. Ijuí: Ed. Unjuí, 2006.
- ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura:** uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação, uma proposta para o ensino de gramática.** São Paulo: Cortez, 2006.